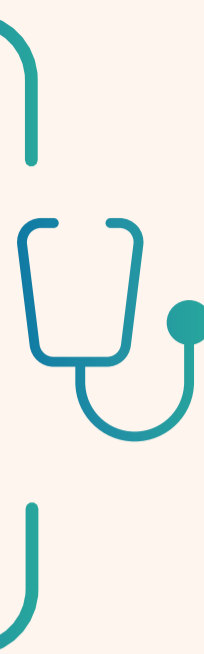


SEMANA ESTADO DE JORNALISMO DE SAÚDE



INFORMAÇÃO DE QUALIDADE

Pandemia escancarou a importância da notícia

O jornalismo, em todos os seus segmentos, tem um pilar absolutamente inegociável: a informação de qualidade. No caso específico da área de saúde, a pandemia deixou isso cristalino para o grande público.

Foi a cobertura diária, seja de fatos envolvendo desde a asfixia do sistema público de Manaus até o desenvolvimento em tempo recorde das vacinas, que ajudou a população a enfrentar o tsunami de fake news que também varreu todos os cantos do País.

O desafio, agora, continua sobre a mesa. Até que ponto a pandemia gerou mudanças edificantes nos vários níveis de governo? Na academia? Na iniciativa privada? Permanecer atento a essas perguntas é um dever do jornalismo profissional pelos próximos anos. Sem esquecer, inclusive no jornalismo sobre a ciência, de sempre mostrar o contraditório, como foi discutido nas sessões da Semana Estado de Jornalismo de Saúde. Parte das discussões está representada nas próximas páginas.



APRESENTADO POR

**ESTADÃO
BLUE STUDIO**



Pandemia gerou poucos efeitos práticos

Erros cometidos no combate ao coronavírus vão se repetir em novas crises de saúde

"Ninguém estava preparado para uma pandemia de covid-19", afirma o epidemiologista Jarbas Barbosa. A realidade vista nos hospitais mundo afora revelou que nenhum sistema de saúde estava pronto para receber uma epidemia que gerasse uma grande quantidade de pacientes com casos graves.

"Com base nas experiências anteriores, os grandes modelos de preparação trabalhavam sempre com duas possibilidades: ou um vírus que se espalha rapidamente, como a influenza, mas com uma capacidade limitada de produzir caos em sistemas de saúde; ou de coronavírus, como Mers e Sars, que produzem casos graves, mas se espalham de maneira limitada. A covid-19 combinou as duas características", explica Barbosa.

A imprevisibilidade da pandemia fez com que pesquisadores e cientistas tivessem de correr contra o tempo em busca de soluções para a doença. Sem remédios e vacinas, para evitar o colapso dos hospitais, governos tentaram controlar a transmissão do vírus com o uso de máscaras, higienização e medidas de distanciamento social.

O Brasil, que tem 2,7% da população mundial, concentra quase 11% do número de mortes no mundo. O resultado evidencia uma série de erros cometidos pelas autoridades públicas no combate ao coronavírus. Agora, com a chegada da varíola dos macacos, as coisas poderiam ser diferentes, mas, para o professor e médico sanitário Gonzalo Vecina, algumas falhas se repetem.

"O governo federal continua fazendo de conta que não existe [a doença]. Esse é um problema grave. Temos que correr atrás de fazer vacina e comprar medicamentos, e o governo federal também não tem feito isso. E os governos estaduais e municipais também têm parte da responsabilidade nesses mesmos problemas que nós estamos enfrentando. Ainda bem que esse vírus é mais lento."

Aprender é diferente de mudar

As lições de saúde pública impostas pela pandemia não surtiram muitos efeitos práticos, avalia o ex-ministro da Saúde Nelson Teich. "Existe uma diferença grande entre você aprender e conseguir mudar definitivamente. Aprendemos que é preciso

mais comunicação, coordenação, liderança, estratégia, planejamento e informação, mas honestamente a sensação é de que, na prática, nada mudou. Podemos ter aprendido, mas não quer dizer que hoje estejamos mais preparados."

Para a médica infectologista Rosana Richtmann, apesar de a pandemia de covid-19 ter popularizado a comunicação da área da saúde, o processo gerou poucos avanços práticos. "Com a covid-19, tivemos que falar sobre a importância de testes, vacinas e tratamento. Com a monkeypox, estamos repetindo as mesmas coisas. O que mudou é o entendimento, tanto dos jornalistas quanto da população em si."

Na área farmacêutica, a situação é um pouco diferente. Avanços tecnológicos, especialmente na produção e na pesquisa de imunizantes, ocorreram com maior vigor, avalia Grega Kumer, diretor associado de Relações Governamentais da Federação Internacional de Fabricantes e Associações Farmacêuticas (IFPMA). "É claro que houve falhas, como a falta de distribuição equitativa, problemas de barreiras comerciais e um nacionalismo das vacinas. Numa pandemia, não deveríamos ter fronteiras."

A jornada do medicamento

De 10 mil estudos iniciados, apenas 5 chegam às prateleiras

Antes de um novo medicamento começar a ser comercializado ou disponibilizado no sistema público de saúde, existe um longo caminho a ser percorrido. Como explica Fábio Franke, presidente da Aliança Pesquisa Clínica Brasil, o desenvolvimento de um fármaco pode durar, em média, 15 anos e precisa passar por alguns testes obrigatórios antes de chegar aos pacientes. "Nós começamos na fase pré-clínica, que é onde surgem as ideias e conseguimos identificar um alvo, como, por exemplo, um determinado tipo de câncer que pode ser passível de um novo tratamento."

Os primeiros testes, explica o executivo, ocorrem em laboratório e podem ser feitos em animais ou em células em cultura. "Assim, então, mostrando que existe uma ação desse fármaco contra determinado tumor, os estudos passam para a fase clínica." O passo seguinte é a chamada fase 1, em que ocorre o primeiro contato da medicação com seres humanos. "Nós testamos o fármaco em diferentes pacientes com diferentes tipos de tumores para descobrir se as células tumorais se mantêm e qual é a máxima dose tolerada pelos pacientes", diz Franke.

Assim que o medicamento se mostra eficaz, a meta é identificar quais tumores respondem melhor ao tratamento. Processo que ocorre durante a chamada fase 2. "Testamos determinados grupos de pacientes com um tipo de tumor para confirmar a efi-

cácia. Depois, passamos para a fase 3, onde estudos globais aplicados em vários centros de pesquisas no mundo são feitos. O objetivo, nesse caso, é avaliar se o tratamento mantém a taxa de resposta e se melhora a vida dos pacientes."

Fora da curva

Todas as etapas do processo, segundo Franke, são lentas e criteriosas. "O desenvolvimento das vacinas contra covid-19 foi algo completamente fora da curva, porque era uma necessidade emergencial para a nossa população." A produção deve sempre respeitar todos os passos, mas a velocidade de cada etapa depende da necessidade da população, além da capacidade de investimentos e das parcerias. "Felizmente, temos conseguido desenvolver remédios mais rapidamente."

No entanto, ainda há uma

taxa de aproveitamento baixa. "Temos uma expectativa de que, a cada 10 mil substâncias que estão sendo testadas, apenas 5 chegam à etapa final e são comercializadas." Além disso, explica Franke, a estimativa do desenvolvimento de uma nova droga gira ao redor dos US\$ 5 mil por minuto. Por isso, os estudos precisam estar lastreados em responsabilidades técnicas e financeiras.

Um dos grandes desafios atualmente, analisa o médico infectologista Eduardo Motti, é tornar mais produtivo o processo dos testes clínicos. "O Brasil, infelizmente, ainda está longe de ter uma indústria nacional pujante em relação a novos medicamentos", diz.

O melhor do Estadão Blue Studio em um só lugar



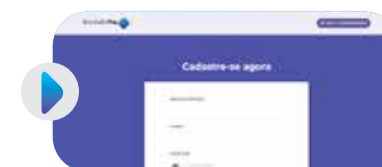
Blue Studio Play é a plataforma de conteúdo que reúne todas as produções do Estadão Blue Studio: transmissões ao vivo, eventos e podcasts produzidos pela área de projetos especiais do Estadão



Para acessar todos estes conteúdos gratuitos e exclusivos, você pode entrar por este QR Code



ou digitar o estadaobluestudioplay.com.br



fazer o cadastro, que é bem rápido...



...e navegar pelos conteúdos das áreas específicas,...



...como Economia, Educação, Mobilidade, Saúde, Tecnologia...



...ou fazer a busca direta do que você procura.

Durante a pandemia de covid-19, o Brasil, que é exemplo mundial em campanhas de vacinação bem-sucedidas, precisou combater um outro vírus: a desinformação. Com a chegada das vacinas em tempo recorde, houve uma onda de boatos com intuito de desestimular a adesão da população ao imunizante.

Desde mudança no código genético a chips de rastreamento, foram inúmeras mentiras propagadas nas redes sociais contra as vacinas. Segundo Fábio Malini, coordenador do Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic/Ufes), esses ataques ao imunizante foram orquestrados por grupos políticos na internet, mas a angústia das pessoas em relação à saúde acabou alimentando os boatos.

“A desordem não é uma construção baseada no medo, pelo contrário, é baseada na ideia de proteger o outro. Então, quando você tem uma sociedade com níveis de ansiedade muito grandes, há um terreno fértil para que determinados tipos de conteúdos construídos para dar um certo alívio circulem”, explica.

Cristina Tardáguila, fundadora da Lupa, argumenta que as mentiras em relação à pandemia ocorreram no mundo todo, mas o Brasil teve suas especificidades. “O problema da desinformação não tem fronteira, não tem língua e não tem barreiras. Mas só aqui que vimos a acusação de caixões sendo enterrados vazios e nós estamos entre os poucos [países] em que o Poder se manifestou de forma contrária à vacinação.”

No entanto, os boatos envolvendo saúde não surgiram com a covid-19. De acordo com Tai Nalon, diretora executiva do Aos Fatos, antes da pandemia já circulava desinformação sobre doenças para a venda

Fake news turbinam movimento antivacina

Angústia da população em relação à saúde alimenta boatos

de remédios fraudulentos. “O que vemos hoje é um trabalho de fraudadores da informação, que se utilizam de um dos principais medos da humanidade, que é morrer, para capitalizar tanto politicamente como financeiramente.”

Em meio aos conteúdos falsos sobre saúde, o jornalismo acaba tendo como missão levar informação verdadeira e de qualidade para a população. Para Daniel Bramatti, editor do *Estadão Verifica*, esse trabalho carece de melhorias. “A imprensa tem um papel que merece crítica. Nós, assim como os cientistas, também temos um viés de publicação, que é aquilo que é mais curioso, o que rende mais cliques, e isso está muito errado. O nosso critério de publicação deveria ser o rigor do estudo [científico].”

Sobre a desinformação, Daniel reforça a importância das agências de checagem e diz que esse é um trabalho que precisa se estender a todos os profissionais de imprensa. “Checagem não é só papel de checador, é papel de jornalista. Quem está diante de uma inverdade muito grande sendo dita, escrita ou propagada não precisa ser um checador para colocar aquilo no lead.”



A imprensa tem um papel que merece crítica. Nós, assim como os cientistas, também temos um viés de publicação

Daniel Bramatti
Editor do 'Estadão Verifica'

Contraditório também faz parte do jornalismo sobre ciência

No momento de produzir conteúdos sobre saúde, os profissionais de comunicação precisam ter cuidado para não pautar uma agenda única, sem contraditório, alerta Mônica Teixeira, jornalista que esteve na África dos anos 1990, durante a epidemia de ebola. A cobertura, na época, foi apresentada durante um *SBT Repórter*.

“A agenda dos jornalistas durante a epidemia do coronavírus era defender o que a ciência achava que deveria ou não ser feito”, exemplifica. “O problema do jornalismo com

agenda é que ele aliena as pessoas que não estão do nosso lado, porque elas percebem que temos uma agenda. Então, o jornalista tem que buscar o contraditório”, completa Mônica.

O contraditório, segundo a jornalista, não é necessariamente uma opinião oposta. “O outro lado do darwinismo não é o criacionismo, mas, sim, buscar na teoria da evolução aquilo que não está bem explicado, aquilo que ainda precisa ser sabido, e deixar espaço para dizer que a ciência é uma obra em andamento. Quando deixa-

mos de fazer isso, não estamos contribuindo para a reconstrução dos consensos.”

Luiza Caires, editora de Ciências do *Jornal da USP*, acrescenta que é importante o jornalismo destacar as pesquisas científicas em produção nas universidades brasileiras. “Não em um sentido propagandístico, mas no de mostrar o que está acontecendo, sem distorcer nada.” No início da pandemia, lembra a jornalista, havia poucos perfis nas redes sociais fazendo divulgação de conteúdos sobre ciência e saúde.